



Portal do Hospital Colônia Sant'Ana - Frederico Hetterich, 1957

Frederico Hetterich foi o quadragésimo segundo paciente a internar no HCS, no domingo do dia 3 de janeiro de 1942, juntamente com os outros 310 pacientes, que vieram do Asilo de Azambuja (Brusque-SC) e do Hospício Oscar Schneider (Joinville - SC).

Filho de pais alemães (Eugenio e Francisca Hetterich) nasceu em 24 de maio de 1908, na Alemanha e foi naturalizado brasileiro. Seus familiares residiam em Lajes.

Tinha 34 anos quando internou no HCS. Teve como informante seu pai e como responsável pela internação o governo do estado. Permaneceu internado por 22 anos. Faleceu em 18 de agosto de 1965.

Falava somente o idioma alemão e por isto só se comunicava com as irmãs e passava a maior parte de seu tempo pintando.

Seu prontuário não foi encontrado.

O CEDOPE

O Centro de Documentação e Pesquisa do Hospital Colônia Sant'Ana/Instituto de Psiquiatria do Estado de Santa Catarina (CEDOPE/HCS/IPq-SC) foi criado em novembro de 2011, com o objetivo de apoiar a instituição na salvaguarda de documentos e objetos que ajudam a contar a história do Hospital e da psiquiatria no estado.

O CEDOPE é resultado de uma parceria entre o IPq-SC e o Projeto Arquivos Marginais (UDESC), sendo este a primeira ação do Projeto, que desde 2011 atua na salvaguarda e difusão de acervos de instituições de isolamento social. O CEDOPE desenvolve um trabalho de pesquisa, preservação de fotos, documentos, entrevistas, objetos, entre outros, que guardam e revelam a história do Hospital Colônia Sant'Ana e do Instituto de Psiquiatria.



Inauguração do HCS em 10/11/1941.

As falas

Os trechos das falas que compõem a exposição pertencem a entrevistas gravadas entre 2007 e 2010 com médicos, enfermeiros e assistentes sociais. São registros feitos por três enfermeiras que trabalharam na instituição - Eliani Costa (2010), Ana Koerich (2008) e Valdete Pereira (2003). As entrevistas foram usadas como fontes em suas dissertações e teses na área de enfermagem.

Hospital Colônia Sant'Ana

“Sou enfermeiro, tenho uma história com a Colônia Sant'Ana desde 1971. Eu participei daquela equipe que fez as grandes mudanças no início. Essas fotos aqui são exatamente do dia 5 de agosto de 1971, a gente quis fotografar pra documentar o que que a gente tinha pego. A situação era muito crítica.

Depoimento de
Wilson Kraemer de Paula

Wilson de Paula foi o primeiro enfermeiro com formação superior na área a ingressar no Hospital Colônia Sant'Ana (HCS), na década de 1970. Até então, o maior Hospital psiquiátrico catarinense, fundado em 10 de novembro de 1941, era conduzido por irmãs da Divina Providência e por práticos, os quais realizavam o papel de enfermeiros e vigilantes. As fotografias referidas por Wilson resultaram da motivação dos novos funcionários em registrar a tragédia de uma instituição superlotada e precária, no intuito de “documentar” a situação por eles encontrada em seu novo local de trabalho.



Os anos 1970 e a Reforma Psiquiátrica brasileira

É no período situado entre 1978 e 1980 que se reconhece, em geral, o começo das ideias que passaram a nortear a reforma psiquiátrica brasileira. Uma demanda a partir de um contexto internacional iniciado na Itália, cujo processo resultou na lei italiana n.180 (1978), que extinguiu os manicômios e propôs a criação de serviços alternativos centrados na comunidade.

Vários hospitais e clínicas psiquiátricas ganharam espaço em noticiários e chocavam a sociedade com histórias até então pouco conhecidas, envolvendo internações compulsórias, abandono, violência, solidão, morte, uniformização e aniquilamento da individualidade.

Triste, doloroso, insuportável, feio, agonizante, terrível, escuro, tétrico, horrível, um depósito de pacientes, era só morte, são palavras que cortam os diferentes depoimentos e que, para os entrevistados, descrevem o cotidiano do HCS na década de 1970.



Na ausência de Casa de Custódia...

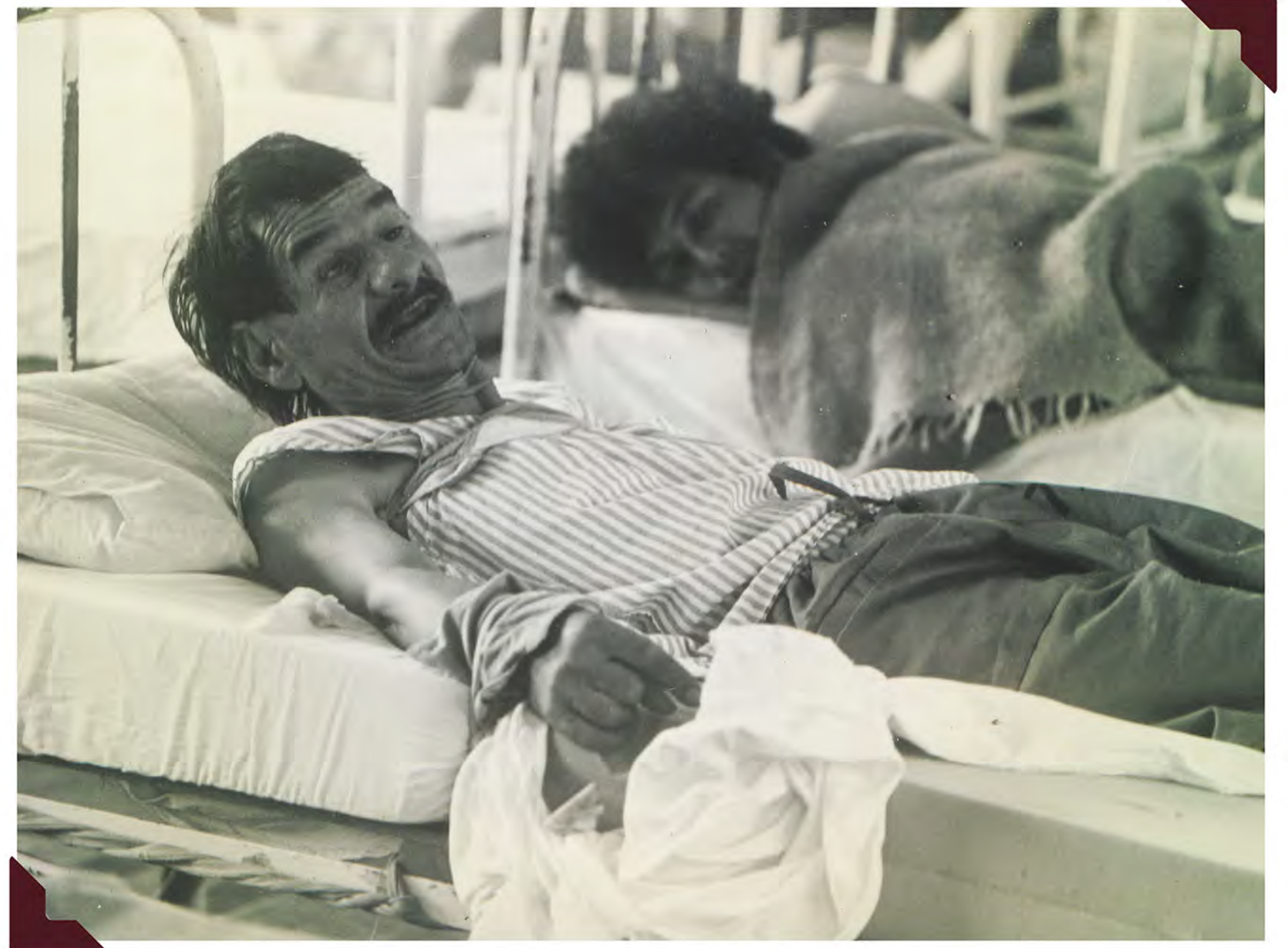
Até a década de 1970 não havia em Santa Catarina uma Casa de Custódia e Tratamento Psiquiátrico, instituição de internamento específica para atender pessoas com algum tipo de transtorno mental que tivessem cometido crimes. Tais espaços começaram a surgir no Brasil a partir da segunda década do século XX, denominados inicialmente de Manicômios Judiciários, como foi o caso do atual Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP), criado em 1971, em Florianópolis. Por esta razão muitos internos acabavam passando pelas duas instituições.



Eletrochoque

“Dois funcionários eram os encarregados de fazer o choque. Era uma sessão horrível. Colocavam o colchão no chão, e, aí, quatro pacientes seguravam um outro para que eles aplicassem o choque, e depois seriam os outros que segurariam que iriam sofrer a mesma prática. Isso era terrível

(Paula, Jan. 2009).



O aparelho de eletrochoque foi criado no final da década de 1930, e em muitas instituições, foi utilizado muitas vezes sem atender a critérios básicos, como o uso de sedação ou anestesia. Na perspectiva de reestruturação do HCS, em 1973, foi instituída a exigência de uma sala apropriada para a realização do eletrochoque, com material para reanimação respiratória, prescrição médica, bem como exigência da presença de um médico e de um enfermeiro durante sua realização. A partir desse período, a utilização do procedimento foi progressivamente abandonada, até ser completamente extinta como prática institucional no HCS em 1985 (COSTA, 2010).

Transformações

Em 1995 foi realizada pelo Ministério da Saúde no HCS. A inspeção constatou que a instituição ainda mantinha péssimas condições de atendimento aos pacientes, além de instalações precárias e falta de pessoal.

O parecer final dos técnicos sugeria que o hospital fosse descredenciado, o que provocaria seu fechamento e a transferência dos pacientes para outras instituições do estado, fato considerado um agravante à situação caótica vivida pela saúde mental catarinense.

Com o descredenciamento do Hospital Colônia Sant'Ana em 1995, é marcado o final da instituição, surgindo em seu lugar duas novas unidades assistenciais ainda hoje em funcionamento: o Instituto de Psiquiatria do Estado de Santa Catarina (IPq-SC) com 160 leitos para internação de pacientes em surto psiquiátrico grave, com proposta de curta permanência, e o Centro de Convivência Santana (CCS) com os leitos dos pacientes remanescentes da antiga instituição, os quais passaram a ser alvo de políticas de desinstitucionalização (COSTA, 2010).



“[...] O manicômio Colônia Santana não apresenta as mínimas condições para atender aos mais de 800 pacientes internados em suas alas... Vi pacientes com fezes pelo corpo há horas e outros em quarto isolado, nus e com fezes ressecadas pelo dorso... A falta de condições físicas no manicômio é assustadora, falta espaço para abrigar os pacientes, sendo que alguns chegam a ficar no chão... Os vasos sanitários e as pias, que são os bebedouros dos internos, não têm a mínima condição de higiene [...]”

Técnico do MS **João Fernando Marcolan**

O IPQ hoje

Apesar de ocupar o mesmo espaço físico do antigo Colônia, a mudança de nome corrobora o esforço empreendido para que o antigo modelo assistencial, pautado pela superlotação e pelo sofrimento fosse superado, em atendimento à Lei da Reforma Psiquiátrica (Lei Federal n. 10.216 de 2001).

Como resultado deste processo várias iniciativas, já iniciadas dentro da instituição desde o início da década de 1990, ganharam maior ênfase com o objetivo de promover a desinstitucionalização da população de moradores do CCS e diminuir o tempo de permanência dos pacientes internados no IPQ-SC, evitando a institucionalização.

Entre os trabalhos desenvolvidos com finalidade de desinstitucionalização merecem destaque a criação da Unidade Ana Teresa, um projeto implementado em 1987, que buscava a reabilitação e reinserção do doente mental institucionalizado na sociedade, de volta à família, através da recuperação de habilidades perdidas nos longos anos de internação na instituição.

Neste trabalho foi criado um Bazar beneficente que em 1999, deu origem à constituição de uma associação, A Associação Catarinense de Apoio à Psiquiatria (ACAP), que vem dando apoio às iniciativas do hospital e contribuindo para a cidadania do portador de transtorno mental.

A ACAP foi fundamental na criação da primeira Pensão Protegida em conformidade com o **Programa de Volta Pra Casa** do Ministério da Saúde (MS), sendo uma casa totalmente inserida na comunidade, onde seus moradores de fato exercem sua cidadania.

Residência construída pela ACAP em parceria com o IPq-SC, 2014, denominada de "Casarão", totalmente inserida na comunidade que passou a abrigar 12 moradores com o objetivo de desinstitucionalização.

O **IPq hoje** é uma instituição que tem como meta e objetivos prestar uma assistência de qualidade aos portadores de transtornos mentais, oferecendo 280 leitos para internação de pacientes em franco surto psiquiátrico, 160 leitos para internação de curta permanência, e tratamento multiprofissional com a atuação interdisciplinar de vários profissionais e atividades terapêuticas.



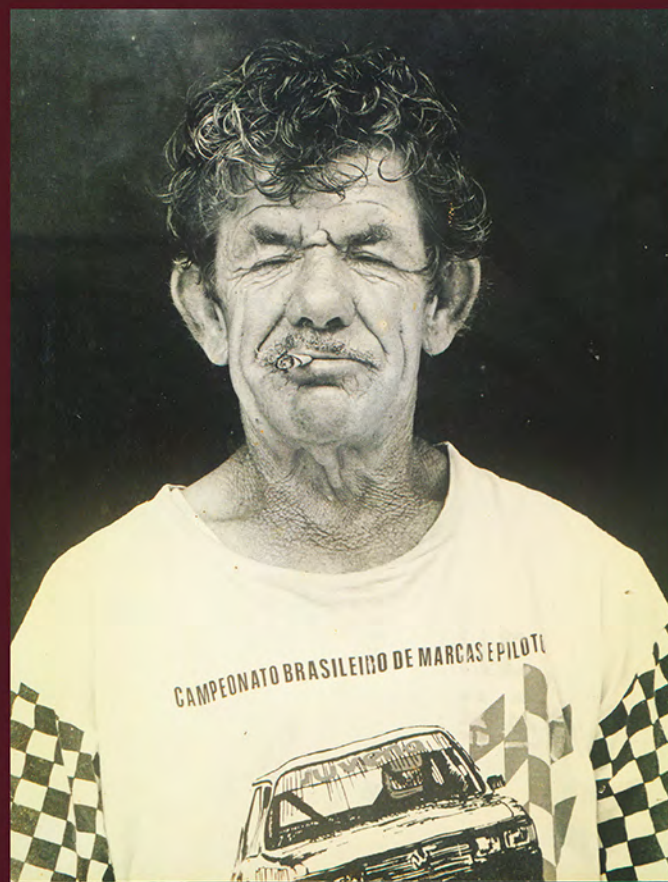
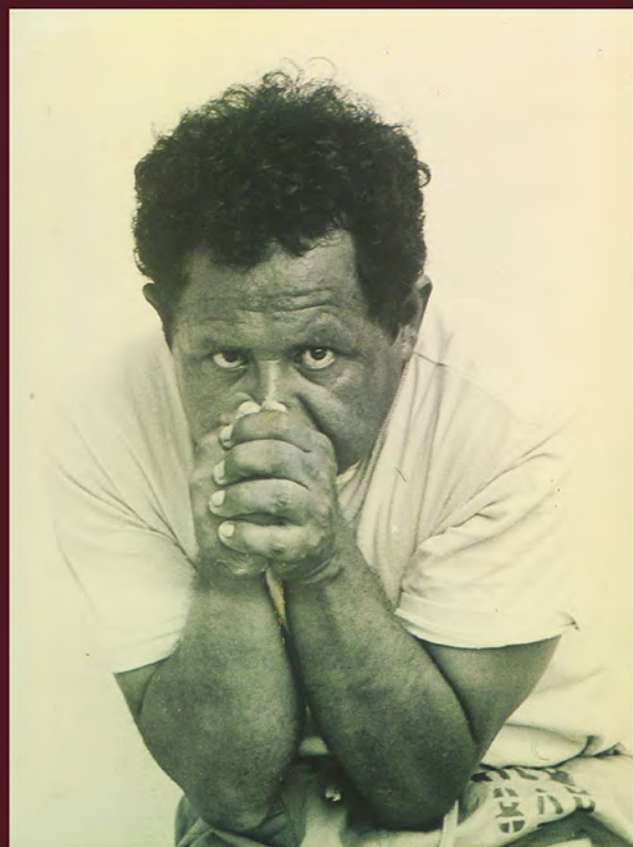
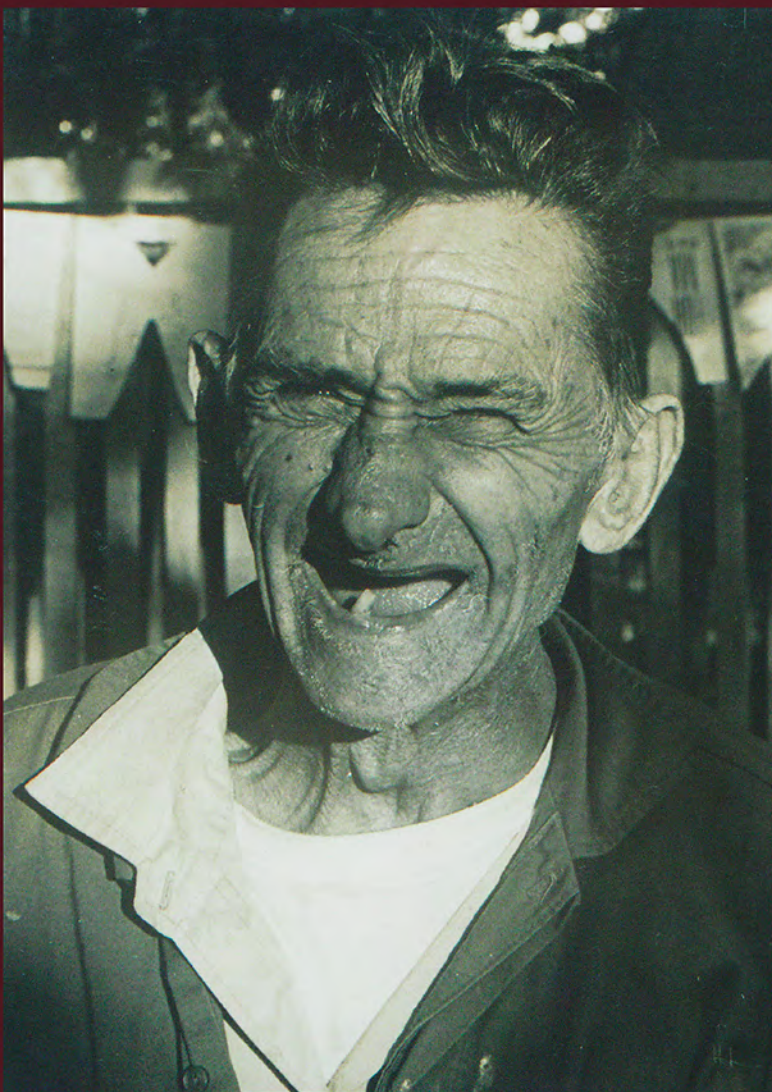
Alteridades

Grande parte dos que aqui foram internados, à revelia de seus desejos e vontades, viveram anos, décadas dentro deste hospital psiquiátrico. Alguns ainda vivem.

Muitas vidas passaram pelo HCS. O HCS termina a década de 1950 com cerca de 800 internos, saltando, em 1967, para 1.773, e, no ano seguinte, é colocado na lista dos hospitais psiquiátricos que utilizam os chamados "leitos-chão", camas improvisadas feitas no chão para internação de pacientes. Em 1970, o HCS possuía 2.200 internos, em precárias condições, chegando efetivamente ao ápice de sua superlotação.

Dos 600 pacientes que moravam na instituição em 1995, atualmente ainda se encontram no CCS 99 pessoas institucionalizadas. São moradores, que perderam totalmente a possibilidade de serem reinseridos à família ou à sociedade. Recebem assistência integral do estado no Centro de Convivência Santana e são tutelados pelo Ministério Público que garante seus direitos. O CCS se mantém com a política proposta pelo MS desativando progressivamente seus leitos, o que levará à sua exclusão na instituição.





Alteridades

EXPOSIÇÃO

Alteridade é a capacidade de se colocar no lugar do outro, de aceitar as diferenças.

O Hospital Colônia Sant'Ana, fundado em 11 de novembro de 1941, atual Instituto de Psiquiatria do Estado de Santa Catarina, está completando 80 anos. A história da instituição será contada a partir de falas e trajetórias de alguns indivíduos que tiveram suas vidas atravessadas pelo Hospital.

Experiências-caminhos que ressignificam o Hospital, tornando o espectador parte de um movimento maior que transcende o individual.

Curadoria: Viviane Borges, Eliani Costa, Carolina de Wit e Luiza Faria

Apoio: Arquivos Marginais

Design Gráfico: Bárbara Napolitano, Miguel Vassali e Tharciana Goulart

Apoio:

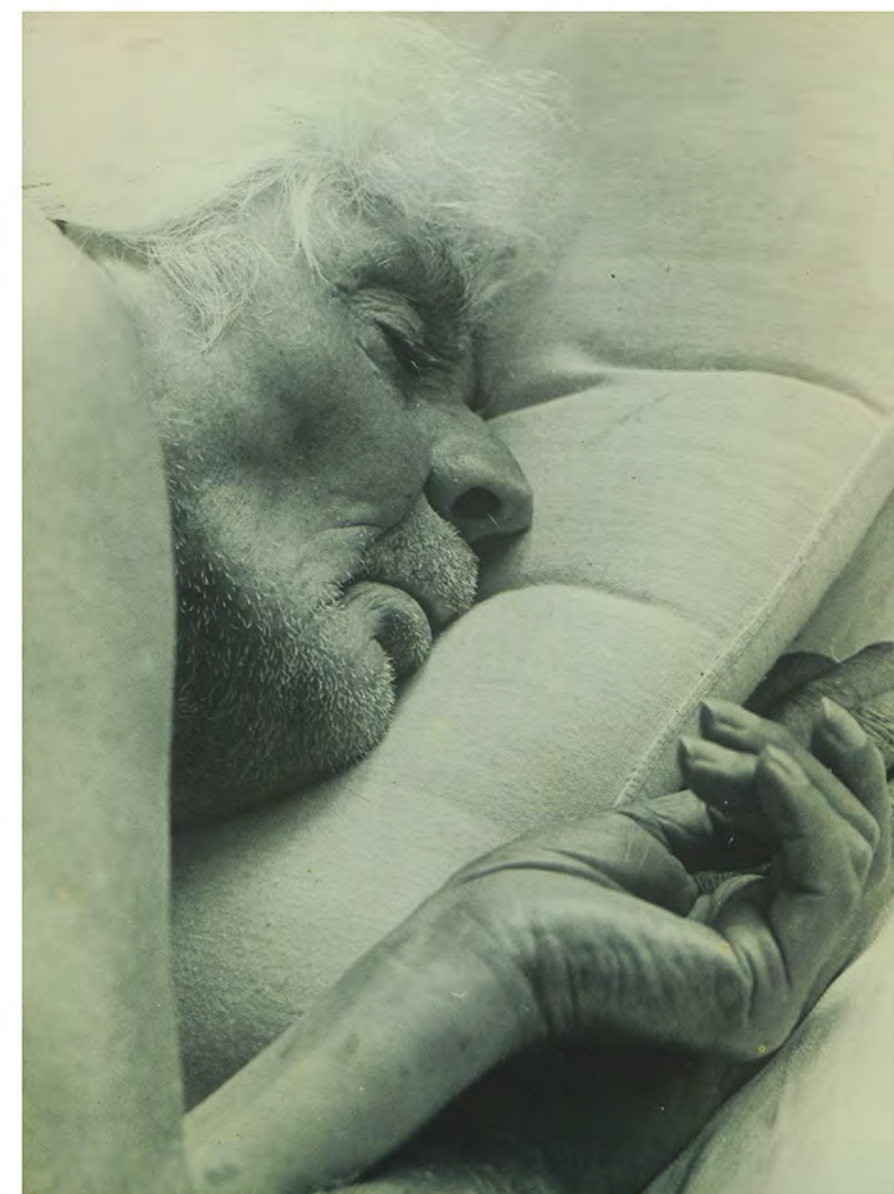




Cela feminino
27/10/71

“Era algo muito feio , muito triste, muito doloroso. Então se entrar em uma instituição com 2.156 pessoas hospitalizadas, onde só tinha cama para 1.200, onde havia beliches em que um deitava por cima do outro, e onde dado o fato que aquilo existia por tanto tempo, então se observava que aquilo era visto como natural, que as pessoas dormissem no chão, naquela condição. Isto só acontecia na psiquiatria.

Júlio César Gonçalves, março de 2009.



“A Sant’Ana era um depósito de pacientes. [...] Durante o dia, os colchões ficavam empilhados num canto e à noite eram colocados entre as outras camas. Aquilo precisava mudar, a Colônia não ia ser mais um depósito.

Manoel Henrique Prisco Paraíso,
março de 2009.

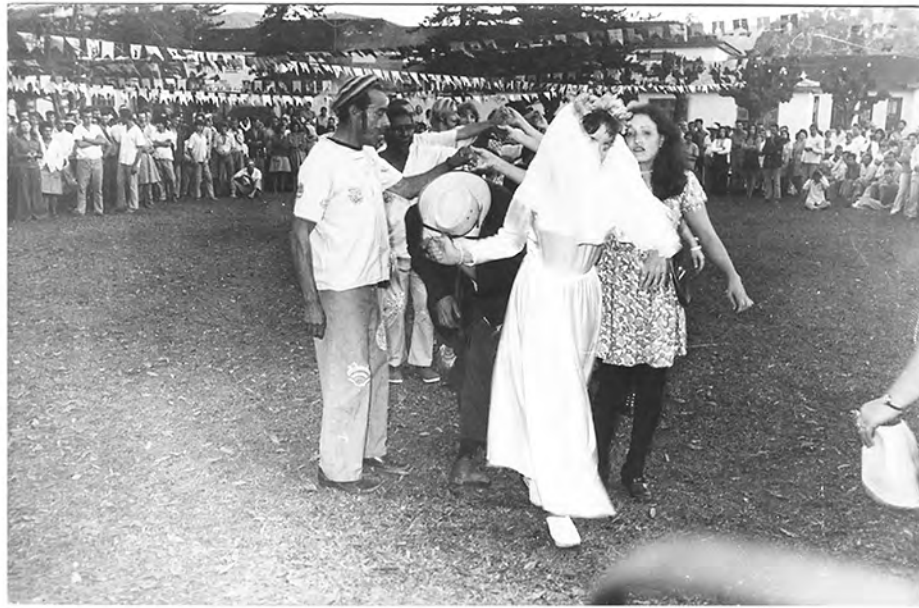


“Tinha dia, no inverno forte daquela época, que nós chegávamos de manhã e recolhia quatro, cinco mortos. Aí, era colocado no necrotério, colocado a roupa, porque eles estavam na maioria do tempo pelados. Era levado para o cemitério no famoso carretão, quatro, cinco caixões, no fundo da carreta, amarrado. [...] O que é que podia dar uma situação dessa? Era só morte, só morte, só morte!

Santos, setembro de 2009.



8ª Enfermaria Masculino
27/10/71



A exposição *Alteridades* encerra mostrando alguns vestígios dessas existências. São fotografias, objetos e histórias contadas a partir do acervo do CEDOPE. Elas ressignificam o Hospital, tornando você, expectador, parte de um movimento maior que procura transcender o individual, motivando a capacidade de se colocar no lugar do outro, de aceitar as diferenças.

A exposição é um exercício de alteridade.

Referências:



COSTA, Eliani et al. **Hospital Colônia Sant'Ana: o saber/poder dos enfermeiros e as transformações históricas (1971-1981)**. 2012. Tese (Doutorado), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.



KOERICH, Ana Maria Espíndola et al. **Hospital Colônia Sant'ana: reminiscências dos trabalhadores de enfermagem (1951-1971)**. 2008. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.



VIANA, Bruna. **Um lugar para os ditos anormais: assistência psiquiátrica as crianças e jovens na primeira década do hospital Colônia Sant'Ana (1942-1951)**. 2015. Dissertação (Mestrado), Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.



SILVA, Ana Terra de Leon et al. **Os nomes da loucura: discurso diagnóstico e tratamentos na emergência da psiquiatria em Santa Catarina (1939-1942)**. 2020. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.



Pereira, Valdete Preve. **Iluminando as vivências de mulheres portadoras de transtornos psíquicos que moram em uma residência terapêutica**. 2003. Dissertação (mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.



BORGES, Viviane Trindade. Um "depósito de gente": as marcas do sofrimento e as transformações no antigo Hospital Colônia Sant'Ana e na assistência psiquiátrica em Santa Catarina, 1970-1996. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 20, p. 1531-1549, 2013.



BORGES, Viviane Trindade; CAPONI, Sandra. A assistência psiquiátrica a crianças anormais no Hospital Colônia Sant'Ana (Santa Catarina, Brasil, 1940). **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 25, p. 1239-1259, 2018.



BORGES, Viviane Trindade. Nem loucos, nem são, "tipos à parte": Arquivos, Crime e Loucura em Santa Catarina (1930-1970). **Revista Latino-Americana de História**, v. 3, n. 12, p. 6-20, 2014.